

# AS DUAS BATALHAS DE GUARARAPES

Novo livro do General LOBATO FILHO, um dos nossos mais conceituados escritores de história militar.

"As Duas Batalhas de Guararapes" representam a reedição de um trabalho publicado pelo General Lobato Filho na revista "Fronteiras", por iniciativa do seu então Diretor, Sr. Manuel Lubambo. O estudo encontra, agora, em volume novo, melhores perspectivas de divulgação, e isso é justo, pois que o trabalho do ilustre militar é, no dizer do Sr. João Duarte Filho, "definitivo e categórico". "Guararapes — diz este distinto intelectual — representa o grande centro de interesse do nacionalismo brasileiro e, para o estudo dos recontos que ali se travaram, o General Lobato Filho levou a sua grande competência de estrategista e estudioso da nossa história militar". Iniciando o trabalho, o autor lembra haver batalhas que decidem da sorte dos exércitos e, até, do destino dos povos: são por isso mesmo, designadas *batalhas decisivas*. Tal é a segunda batalha de Guararapes, pois que a vitória das forças lusobrasileiras, naquele pedaço de terra pernambucana, assinalou o fim do domínio holandês no norte do Brasil. Antes de entrar no estudo técnico das duas batalhas famosas, o General Lobato Filho traça-nos, com mão de mestre, um *quadro histórico* da situação que as antecedeu. O Brasil, descoberto havia menos de um século, começou a atrair, pelas suas riquezas, a atenção dos comerciantes holandeses e aventureiros de vária casta. O próprio governo holandês estimulou seus mercadores a conquistarem as regiões do norte em que dominaram por vários anos. Organizou-se, para isso, a Companhia das Índias Ocidentais. Esta, como sua irmã das Índias Orientais não era um

órgão oficial: apenas, uma entidade do comércio. O governo da Holanda dava-lhe, todavia, forte apoio, pondo à sua disposição náus de guerra, tropa militar com seus quadros de oficiais, equipamento, etc. A Companhia podia construir fortificações e tinha poder para firmar tratados com os governos das regiões onde agisse. A primeira investida da Companhia das Índias Ocidentais deu-se em 8 de março de 1624, quando uma esquadra, com 500 bôcas de fogo e 1.600 homens de desembarque, surgiu, de repente, na Bahia, então sede do governo da Colônia. O governo local entregou a cidade quase sem resistência, tendo a população fugido para o interior. Em abril do mesmo ano, a população baiana, apoiada por uma esquadra espanhola de 52 navios e por uma tropa de 12.000 homens, expulsou os invasores — terminando assim, em malôgro a primeira invasão holandesa em nosso país. Em fevereiro de 1630 outra frota da Companhia das Índias Ocidentais, composta de mais de cinqüenta navios de guerra e uma força de desembarque de cerca de 4.000 homens, apresentou-se em frente a Olinda. Sem embargo da heróica resistência do governador Matias de Albuquerque, os invasores lograram desembarcar em vários pontos da costa, tendo ocupado, a seguir, Olinda e Recife. Matias de Albuquerque retirou-se rumo do interior, tendo organizado, na margem esquerda do rio Capiberebe, mais ou menos a uma légua de Olinda, um reduto que se chamou *Arraial de Bom Jesus*, o qual resistiu aos invasores por cerca de 5 anos. Foi, então, que a Companhia das Índias Ocidentais, no in-

tuito de consolidar seu domínio naquela parte do Brasil, mandou para ali o Príncipe Maurício de Nassau, homem de altas qualidades de administrador e artista, o qual veio com os títulos de Governador Geral e Comandante das Forças de Terra e Mar. Maurício de Nassau chegou a Recife em janeiro de 1637; em 1640, Portugal recobrou sua independência, libertando-se do jugo de Castela. A fim de resolver as numerosas questões que lhes embaraçavam os movimentos, Portugal e Holanda acertaram uma trégua de 10 anos, trégua que foi sendo lentamente rompida pela Holanda, tendo o próprio Príncipe Maurício invadido o Ceará e o Maranhão. A saída d'este para a Holanda precipitou os acontecimentos, tendo dado aso que os patriotas de novo pegassem em armas. As figuras principais da insurreição eram *Vidal de Negreiros, Henrique Dias, Felipe Camarão e Fernandes Vieira*, sendo os primeiros, brasileiros, e este último, português de nascimento. Portugal, a princípio indeciso, acabou por apoiar veladamente o movimento através de João Fernandes Vieira. Em junho de 1645 os insurgentes deram nova organização ao *Arraial Novo do Bom Jesus*, que deveria enriquecer as tradições heróicas do primitivo Arraial de Matias de Albuquerque. Em agosto do mesmo ano, feriu-se a batalha das *Taboças*, em que foram derrotadas as forças holandesas do Coronel Hans com o efetivo de 1.500 homens. Em julho de 1646, desembarcou no Recife o General Sigismundo Van Cchkopp que trazia muitos recursos e cerca de 2.000 homens. Dêsse chefe batavo disse Rocha Pombo, citado pelo autor: "Chegou Van Cchkopp com grande presunção e arrogância, mostrando-se até rude demais com seus compatriotas, dizendo que muito se admirava de como uns quantos moradores, mal disciplinados e estranhos às coisas da guerra (por não terem nunca sido soldados) os tivessem assim oprimido e pôsto em cerco...

"Em fevereiro de 1647, Portugal resolveu, apesar de seu natural receio de entrar em atrito com a Holanda, nomear comandante das forças luso-brasileiras em Pernambuco ao Mestre-de-Campo Francisco Barreto de Meneses — o que caracteriza a adesão do reino à causa dos patriotas pernambucanos. O General Barreto de Meneses foi aprisionado pelos holandeses, mas, tendo conseguido fugir da prisão assumiu em 23 de janeiro de 1648, o comando das forças luso-brasileiras. Enquanto isso os holandeses sitiados recebiam grandes recursos, em dinheiro, víveres e tropas, trazidos por uma esquadra.

A seguir, o autor descreve-nos o sítio em que se feriram as duas batalhas de Guararapes. Com 2.600 homens, o General Barreto de Meneses transpôs os outeiros daquele nome e fez alto na "baixa dêles". Quando Van Schkopp, ao avançar pela manhã encontrou resistência na entrada do desfiladeiro, ordenou aos Coronéis Helts e Hans que o contornassem. Isso deveria ter sido feito pela lombada onde se acha a igreja — e isso era já, a batalha. Tudo indica — afirma o General Lobato Filho — que a primeira batalha de Guararapes foi travada no desfiladeiro e na lombada em cujo cimo está a Igreja de Nossa Senhora dos Prazeres. A tropa luso-brasileira, composta de 2.600 homens, estava organizada em quatro terços, comandados pelos Mestres de Campo André Vidal de Negreiros e João Fernandes Vieira, e Capitão Henrique Dias e Felipe Camarão. Quanto à cavalaria, que dispunha, apenas de 100 homens armados, estava sob o comando do Capitão Antônio Silva.

Ambas as batalhas, famosas e decisivas, são descritas tènicamente pelo ilustre autor d'este trabalho. Sua reconstituição faz-se segundo os modernos recursos da tècnica militar — e representa um depoimento frio, mas expressivo, ao heroísmo com que ali se houveram as forças brasileiras e lusitanas.